

# ASPECTOS TRADUTÓRIOS DO LETRAMENTO: A CONSTRUÇÃO DO ESTILO

Maria Sílvia Cintra Martins <sup>1</sup>

## Introdução

Apresento neste artigo relato a respeito de oficina que coordenei recentemente, junto ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, no decorrer da IV Jornada “Linguagem e Diversidade”, promovida pelo grupo LEETRA – “Linguagens, etnicidades e estilos em transição” (CNPq), que lidero. Para o desenvolvimento da oficina fundamentei-me em reflexões presentes em Lotman (1998; 2005) e em Derrida (2001), assim como em aspectos teóricos elaborados em Martins (2004; 2007; 2009; 2011).

## Lotman: a semiosfera, a fronteira e os processos de tradução

A semiosfera é tida por Lotman (2005) como o espaço semiótico necessário a toda e qualquer semiose. Entende-se que o conjunto de formações semióticas precede funcionalmente cada língua singular e isolada, sendo uma condição *sine qua non* de sua existência. Nesse sentido, defende-se que nenhuma língua pode existir fora da semiosfera e que somente dentro desse espaço os processos comunicativos se tornam possíveis. A divisão entre centro e periferia é, por sua vez, uma lei da organização interna da semiosfera: há um limite, uma fronteira entre a semiosfera e o espaço não-semiótico ou extra-semiótico, que estaria fora dela, seja porque nele, hipoteticamente, ingressaríamos no mundo tal qual seria, sem o recobrimento da linguagem, seja porque ingressaríamos em outra comunidade semiótica, dotada de seus códigos próprios.

A fronteira semiótica é representada pela soma de filtros bilíngues: ao passar por eles, o texto é traduzido em outra(s) língua(s), fato que não implica, necessariamente, a tradução de uma língua em outra língua que seria considerada estrangeira, nesse sentido em que falamos de línguas nacionais como o português, o inglês, o espanhol, o alemão, e nos processos de tradução de uma

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Letras da UFSCar. Líder do Grupo de Pesquisa LEETRA “Linguagens, etnicidades e estilos em transição”. Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa “Letramento do Professor” (CNPq).

para outra dessas línguas. A tradução se dá, de fato, a todo instante, enquanto mecanismo intrínseco ao funcionamento de toda e qualquer linguagem humana.

Entende-se que a semiosfera compreenda, assim, um grupo de semiosferas interligadas, sendo que cada uma delas participa do diálogo e envolve um espaço de diálogo. Segundo Yuri Lotman (2005), não existem sistemas mono-semânticos isolados: sua articulação baseia-se em necessidade heurística, já que nada que se tome isoladamente pode, de fato, ser efetivo ou significativo. Os sistemas semânticos só funcionam, por isso mesmo, quando imersos num contínuo semiótico específico, preenchido com modelos semióticos multi-variantes situados dentro de uma sequência de níveis hierárquicos.

### **Derrida, o monolinguismo e a homo-hegemonia**

O desabafo de teor autobiográfico presente em Derrida (2001), por sua vez, remete-nos, num primeiro momento, ao sofrimento do filósofo nascido na Argélia a quem se impôs, desde muito cedo, em situação específica própria ao colonialismo, a prevalência do francês como língua do outro. O menino Jacques sentiu-se forçado a se submeter a essa língua, dentro de uma escola em que a sua língua materna, esta sim, era ensinada a pequenos grupos como língua estrangeira. Com o tempo, no entanto, o fascínio da língua do outro e da língua de prestígio levou-o a sentir-se bem nesta nova roupagem, dentro desse novo ritmo. O certo é que, embora Derrida tematize, em princípio, a questão colonial, suas reflexões nos remetem, ainda, ao estranhamento com relação a esta mesma língua que chamamos de materna dentro de sua dupla caracterização: por um lado, homogênea - porque centrada em padrões dotados de certa invariância; por outro, hegemônica - porque dotada de prestígio social.

Nesse âmbito da reflexão derridiana, tradução e desconstrução são termos intercambiáveis: a tradução implica desconstrução, e vice-versa, e ambas trabalham corrosivamente, no âmago dos vetores da homogeneização e do poder: todo poder abrigaria, necessariamente, a tradução/desconstrução, que passa a significar, também neste caso, uma condição *sine qua non* de sua própria existência. O poder que impõe e constrói padrões comporta os mecanismos de sua própria desconstrução.

## Traduzindo textos de gênero a gênero

Em Martins (2004), sugiro, de forma ainda rudimentar, a adoção do método inverso ou método dialético para se pensar a relação entre as modalidades oral e escrita da linguagem. Baseio-me em Vigotski (1991), que recorreu, em um de seus trabalhos, *“Psicologia da arte”*, ao “método inverso” com o objetivo de desvendar a essência da reação estética, buscando analisar formas desenvolvidas de arte, na certeza de que essa investigação revelaria *“aspectos válidos também para formas menos desenvolvidas”*. Vale notar que essa explicitação, por parte de Vigotski, da existência de formas superiores e inferiores de arte – que pode não soar politicamente correta aos ouvidos pós-modernos – se coadunava com suas investigações acerca das relações entre os “conceitos cotidianos” e os “conceitos científicos” no desenvolvimento do pensamento infantil.

Em Martins (2007), explorando a categoria do ethos, desenvolvo melhor a proposta de uma relação dialética que se poderia visualizar entre textos pertencentes a diferentes gêneros do discurso. Mostro de que maneira, tanto a criança, como o adulto, se apropriam de diferentes formas de linguagem e, nesse mesmo processo, exercitam diferentes papéis sociais à medida que transitam de uma para outra modalidade de linguagem. Em linha semelhante de pensamento, em Martins (2009) mostro insatisfação com certa pressuposição de um contínuo que iria do oral para o escrito (Cf. Marcuschi, 2001), e aponto para a necessidade de se vislumbrar, em meio a essa transição, os conflitos e confrontos de poder a ela inerentes. Já em Martins (2011) aponto para a etnicidade como fator de estilo, sempre tendo em foco a transição de uma a outra modalidade de linguagem, e sempre pressupondo a passagem problemática por níveis hierárquicos, que necessitariam ser vislumbrados nos interstícios dessa transição.

Para corroborar a posição que defendo aqui, é interessante notar que, em palestra proferida recentemente em nossa universidade, o pesquisador e psicanalista canadense Clive Thompson, da Universidade Guelph, chamou a atenção para a maneira como, na reflexão bakhtiniana sobre a linguagem, sempre se pressupõe o confronto, o conflito, o embate entre sujeitos, de tal forma que a linguagem, já em sua forma mais elementar ou primeira, comporta o trauma resultante desse embate inerente à linguagem, ao querer dizer, às projeções entre o eu e o outro. <sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Palestra proferida na UFSCar em 04/05/2011, com o título “Ainda precisamos de Bakhtin?”. Também na II Jornada “Linguagem e Diversidade”, em junho/2010, na UFSCar, o psicólogo e professor da Universität Bremen, Wolfgang Jantzen,

Linguagem é conflito. Tradução é transcrição. Nesse sentido, quando nos referimos de forma não problemática ao contínuo de gêneros do discurso e aos processos de retextualização, de refacção, de reescrita, ainda, em certo sentido e parafraseando Deleuze (1988), é ao lado pequeno da linguagem que nos reportamos.<sup>3</sup> Tra-duzir envolve trans-cender, trans-gredir, tres-passar: trans-por fronteiras. Traduzir é possível, e impossível. Assim como toda linguagem.

### **Alguns aspectos da tradução: a construção do estilo**

Apresentarei, em seguida, apenas um esboço inicial da proposta efetiva que pretendo desenvolver em outro trabalho, com base nos pressupostos teóricos que vim explorando. Trata-se de resultado da insatisfação com relação ao trabalho pedagógico baseado na reescrita em seu sentido mais corriqueiro, e da busca de novas perspectivas para o trabalho pedagógico com as linguagens oral e escrita, nos diversos níveis de ensino. Vale notar que são duas as principais ressalvas que guardo com relação ao trabalho convencional voltado à reescrita tal qual vem sendo desenvolvido com base em Marcuschi (2001): a) a existência de certa idealização com relação ao que seja o “oral” e o “escrito”, já que, apesar do assim chamado contínuo do oral para o escrito contemplar, conforme Marcuschi (2001, p. 40), certa amplitude de textos pertencentes a diversos gêneros do discurso, dentro da pressuposição de uma variação que iria do mais informal (conversa cotidiana) para o mais formal (artigo científico), a prática corriqueira que se propõe centra-se em certa concepção mais restrita, em que o “oral” comportaria as marcas próprias de uma conversa informal e a transposição para o “escrito” implicaria a formalização própria ao texto que tem características do texto acadêmico; b) a segunda ressalva, intimamente relacionada com a primeira, é aquela que me leva a ver nas atividades de retextualização e de reescrita como que uma versão renovada daquela prática antiga de correção de textos, com pouca margem para uma construção mais imaginativa por parte daquele que escreve e para a motivação da prática voltada à construção genuína de um processo de autoria. Ou seja: na prática de reescrita e de retextualização, ainda aquele que escreve se vê excessivamente

---

lembrou da maneira com que Julia Kristeva chama a atenção para o papel do choro do recém-nascido na busca por comunicação, por ressonância, por reciprocidade.

<sup>3</sup> “Quando interpretamos as diferenças como negativas e sob a categoria da oposição, já não estamos do lado daquele que escuta e mesmo que ouviu mal, que hesita entre várias versões atuais possíveis, que tenta ‘reconhecer-se’ pelo estabelecimento de oposições, o pequeno lado da linguagem, não o lado daquele que fala e que atribui o sentido? Não traímos assim a natureza do jogo da linguagem, isto é, o sentido dessa combinatória, desses imperativos ou desses lances de dados lingüísticos que, como os gritos de Artaud, só podem ser apreendidos por aquele que fala no exercício transcendente? (DELEUZE, 1988, p.329-330).

preso à versão original, às palavras do outro. Já a tradução envolve ruptura e transcrição, particularmente na linha com que se vem compreendendo, nas últimas duas décadas, a tradução literária (Cf. Ottoni, 1998; Derrida, 2001).<sup>4</sup>

Lembro que segundo Marcuschi (2001, p. 37) “*as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos. Em consequência, temos a ver com correlações em vários planos, surgindo daí um conjunto de variações e não uma simples variação linear*”. Também Rojo e Schneuwly (2006, p. 466), no entanto, guardam, nos seguintes termos, restrições semelhantes às minhas quanto a essa concepção:

*“Embora a concepção brevemente exposta acima apresente uma versão bastante mais sofisticada das relações entre oral e escrita nos usos sociais da língua, esta ainda guarda um pendor tipológico e taxonomizante, e relações de semelhança e diferença – enquanto múltiplas variáveis – operam no interior do contínuo”.*

Em oficina desenvolvida com a participação de graduandos e pós-graduandos de nosso Departamento de Letras no primeiro semestre letivo de 2011, propus que cada um dos participantes lesse um texto diferente, sendo alguns deles: as crônicas “Piscina” e “Futebol com Maconha”, de Fernando Sabino e Stanislaw Ponte Preta, respectivamente; os contos “O Outro” e “Famigerado”, de Jorge Luís Borges e Guimarães Rosa, respectivamente. Após a leitura, propus que cada um dos participantes elaborasse um texto diferente, escrito de acordo com outro gênero do discurso, mas que, à sua maneira, se apresentasse como tradução do texto original. Não houve interferência da minha parte no decorrer da produção de texto propriamente dita. É digno de nota, porém, o fato de que, na introdução à oficina, eu me referi à forma com que a linguagem humana sempre abriga processos tradutórios, algo particularmente reconhecível na transição que se dá na escrita de textos pertencentes a gêneros do discurso diferenciados, de acordo com as esferas de atividade em que são

---

<sup>4</sup> É assim que minha proposta busca contemplar, tanto o trabalho pedagógico voltado à produção de textos propriamente dita, quanto aquele voltado à correção de textos em sala de aula (não à revisão, é claro, esta necessariamente mais presa ao texto original). Entendo que o trabalho de correção de eventuais inadequações textuais dá-se exatamente, de forma mais completa, na transição/tradução que se faz ao se escreverem textos de gêneros do discurso diferenciados, na medida em que é desta maneira que se percebem, de fato, as exigências próprias a cada modalidade de linguagem, para além das regras do certo e do errado. Também entendo que mesmo o trabalho de retextualização próprio ao processo de revisão necessita estar inserido em projeto maior, como aquele da construção de um jornal escolar, para que as correções se façam autenticamente dentro do estatuto da revisão.

produzidos (Cf. Martins, 2007); remeti, ainda, às teorizações presentes em Derrida (2001) e Lotman (2005).

Também projetei, a título de atividade lúdica que se coaduna com o perfil das oficinas e workshops, o texto “Como a imprensa brasileira noticiaria hoje a história de Chapeuzinho Vermelho?”.<sup>5</sup> Neste caso, minha intenção foi a de sensibilizar os participantes, na linha da carnavalização bakhtiniana – aliás estreitamente relacionada, em meu entender, com a construção do estilo – para a maneira como se dá essa construção, em íntima associação com a forma de circulação dos textos na sociedade e com os mídiuns em que se manifestam. Solicitei, então, que se produzissem textos que diferissem, quanto ao gênero, do texto que fora atribuído a cada um dos participantes.

Apresentarei, em seguida, os textos que resultaram do diálogo com a crônica “Piscina”, de Fernando Sabino, comentando, brevemente, a respeito de como se constrói o estilo e o processo autoral em cada caso. Chamo a atenção, de toda forma, para o fato de que se trata, neste caso, de um trabalho bastante rudimentar, porém que, em meu entender, aponta para possibilidades bastante férteis de trabalho pedagógico voltado à produção de textos orais e escritos. Na oficina com duração de duas horas, esta prática se deu, ainda, de forma necessariamente limitada; pode, no entanto, ser explorada com perfil mais consistente dentro de um projeto de letramento de maior fôlego, como, por exemplo, em projeto que venha a ter, em seu horizonte, a produção de um jornal mural ou de um blog.<sup>6</sup>

Segundo a autora do texto a seguir, ele seria uma paródia de “A casa”, cantiga de Vinicius de Moraes. Comento agora, de forma rápida, a respeito de algumas das opções sintático-semânticas que se podem detectar no contraste deste texto com a crônica em que se baseou.<sup>7</sup> Remeto, entretanto, à ponderação de Bakhtin (1992), segundo quem o estilo envolve não uma forma, e sim um comentário, na medida em que sempre estarão presentes, no mínimo, dois sujeitos, assimetricamente dispostos

---

<sup>5</sup> Texto disponível em [http://www.sotextos.com/como\\_a\\_imprensa\\_brasileira.htm](http://www.sotextos.com/como_a_imprensa_brasileira.htm). Acesso em 02/05/2011.

<sup>6</sup> Lembro que em Martins (2008), apresento em detalhe a construção de um projeto de letramento, neste caso voltado a crianças de primeiro ano do Ensino Fundamental, porém certamente traduzível para aplicação em outros níveis de ensino. Lembro, também, do blog em construção por parte de meus alunos da disciplina “Texto: Leitura e Produção”, oferecida ao primeiro ano de Letras da UFSCar no primeiro semestre de 2011. Disponível em: <http://fimdonoite-letras.blogspot.com/> Acesso em 18/05/2011.

<sup>7</sup> Noto que a crônica de Fernando Sabino encontra-se no anexo, ao final deste texto. Noto, também, que cada um dos participantes produziu seu texto sem ter conhecimento das demais produções, sendo que só ao final da oficina houve a socialização das mesmas. Lembro, ainda, que obtive a autorização dos participantes da oficina para a publicação de seus textos.

na “arena de combate” em que se dão os processos da significação. Se é fato que o estilo se constrói na medida de um comentário que se tece com relação a outros textos, sejam os prototípicos do gênero em pauta, sejam aqueles com quem dialoga irônica e problematicamente, também é fato, de toda maneira, que são as marcas textuais das escolhas sintático–semânticas pontuais que me autorizam a reconhecer a existência desse processo.

Sem dúvida, um ponto fundamental desta primeira proposta de tradução é a existência da tomada da palavra por parte do “ser encardido”, do “bicho”, daquele personagem que, no texto de Sabino, não tem voz, não participa da enunciação, sendo, assim, em vários sentidos que se entrecruzam, uma não–pessoa. Na tradução/transcrição/transposição, é esta personagem, no entanto, quem fala, quem relata seus feitos, seus atos heróicos: “Tomei coragem/e invadi”. Outro aspecto de destaque reside na forma com que dialoga ironicamente com a música de Vinícius de Moraes, gerando o contraste implícito com a letra da música infantil (“Era uma casa/tão engraçada/não tinha muro/não tinha nada”), certamente embutida na memória de infância da maioria de nós leitores. Na infância ingênua, a casa sem muros, sem nada; na arena do combate adulto, a grade, o portão, a invasão. A vida deixou de ser tão engraçada.

### **Era uma casa de gente rica**

Era uma casa  
de gente rica,  
com um terraço  
e uma piscina.

Não se podia  
entrar nela, não,  
porque tem grades  
e um portão.

Desci o morro  
até a bica,

pra pegar água  
para a comida.

Achei mais fácil  
entrar ali,  
tomei coragem  
e invadi.

Peguei a água  
sem dizer nada  
e a patroa  
ficou calada.

Passamos, agora, para um segundo texto:

### **Lado a lado**

Lugar idealizado: beleza, conforto, esplendor

Convívio lado a lado: barraco, tristeza e horror.  
Certo dia, nitidamente, uma realidade com a outra se chocou.  
Uma visita indesejada a linda casa recebeu  
E quem nela se esbaldava, ao redor de uma bela piscina, estremeceu  
Os donos da esplendorosa casa definir quem adentrava não conseguiram  
Criatura esfarrapada que como uma raio a invadia  
Passos lentos e cautelosos à piscina dirigiu-se, lentamente agachou-se  
E a lata que trazia, enchia e não esquivou-se  
Mais estranho foi depois: sem olhar, nem nada dizer  
Tal criatura se foi.  
Toda a cena foi tão rápida que só depois fez sentir  
A tensão do momento e, é claro, fez refletir:  
Os dois mundos e a distância eram maiores do que parecia.

É na comparação deste texto com a crônica de Fernando Sabino que lhe deu origem, e também com o texto produzido pela outra participante, que podemos nos dar conta das opções sintático-semânticas aqui presentes. Vale retomar, nesse sentido, a postulação de Lotman (2005), que mencionei de início, segundo a qual não existem sistemas mono-semânticos isolados, já que nada que se tome isoladamente pode, de fato, ser efetivo ou significativo. É assim que, na verdade, outros tantos textos reverberam dentro deste, e é a partir dessa proliferação de sentidos que, de fato, este texto adquire a força de seu sentido próprio, de seu estilo. No caso em pauta, o autor constrói, problematicamente, seu estilo, na medida em que dialoga, de forma implícita, com certa tradição da produção literária em versos. Ao escolher a estrutura composicional do poema, parece entender que este deva, de preferência, ser rimado, fato que chega a levá-lo – na passagem “definir quem adentrava não conseguiram” – a trabalhar na linha das inversões próprias ao hipérbato, mesmo que exatamente nesse ponto não haja resultado a rima.<sup>8</sup>

Com base na mesma crônica, um terceiro participante produziu este texto:

### **O homem rico e o telefone**

Certo dia o rico resolveu tomar banho de sol em sua magnífica residência. Com uma pompa enorme e um drinque em uma das mãos aproveitava o dia ensolarado. Sua mulher,

---

<sup>8</sup> Lembro, ainda, a postulação de Antoine Culioli (1990), para quem não há enunciados isolados, todos pertencem a famílias parafrásticas.

acostumada com a vida mansa, dormia profundamente, parecendo não se importar com o mundo que existe aqui fora.

Então aparece uma mulher com uma lata na mão, maltrapilha e aparentando debilidade física. Ela se aproxima lentamente, se esgueira pelo portão entreaberto, mergulha a lata na piscina e afasta-se com a lata cheia.

O homem olha a cena calmamente e se lembra que a vizinhança em que mora está situada perto de uma favela em formação. Prontamente retorna para sua casa, pega o telefone, contata o delegado do seu distrito. Em pouco tempo as pessoas desaparecem e um shopping é erigido no local dos barracos.

**Moral:** Poder, dinheiro e um telefone resolvem qualquer problema.

Neste caso, é particularmente pela presença da moral ao final do texto, como característica pertencente à estrutura composicional de uma fábula, que percebemos a transição de um para outro gênero; caso contrário, talvez nos sentíssemos ainda diante de uma crônica, e apenas no âmbito da paráfrase e da retextualização. Aqui, chama-me a atenção certa opção lexical que, à sua maneira, configura-se como comentário a respeito da escolha que se dera no texto de Sabino, como também envolve certo comentário cotextual, ou seja, inerente a este texto, como parte da própria opção pelo gênero “fábula” e por seu caráter moralizante. Sequências como “o ricaço”, “sua magnífica residência”, “com uma pompa enorme”, “acostumada com a vida mansa”, “dormia profundamente”, “não se importar com o mundo que existe aqui fora”, “é erigido” redesenham aspectos presentes na crônica, que tratam de traduzir. É nesse redesenho que se faz a tradução, a transcrição, a transfiguração, a transcendência, para além da retextualização ou da reescrita. Note-se, ainda, como na estruturação frasal da moral – “Poder, dinheiro e um telefone resolvem qualquer problema” – ecoam as Fábulas Fabulosas de Millôr Fernandes.

### **À guisa de conclusão**

Entendo que a proposta que apresento distancia-se, a propósito, daquela de Marcuschi (2001), em função das ressalvas que apresentei acima. Diferencia-se, também, daquela de Rojo e Schneuwly (2006), que se constrói na linha da proposta do sistema de gêneros, presente em Bazerman (2005). Aqui também estamos, é claro, dentro de um sistema, cadeia ou circuito de gêneros, porém numa visada que não prevê apenas a conexão ou o aparentamento de um

gênero com outro que lhe pareça próximo – como no caso, citado pelos autores, da conferência, dos slides em power–point em que esta se baseia e de sua transcrição posterior; ou naquele, citado por Baltar et alii (2006), do conto de Allan Poe que, em aula de produção de textos, cumpre o papel de gerador de textos de outros gêneros, como o boletim de ocorrência, a nota de falecimento. Dentro de minha proposta, postula–se, de forma mais ampla e proposital, a transgressão e a transcrição. Por isso mesmo, entendo que passamos a estar no âmbito da tradução, e não mais da retextualização, muito embora, em termos técnicos, ou seja, no que diz respeito ao trabalho pontual voltado às escolhas sintático–semânticas, em alguns momentos estas diferentes propostas mantenham pontos de confluência.

### Referências Bibliográficas:

- BAKHTIN, MIKHAIL. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BALTAR, MARCOS et alii. Circuito de gêneros: atividades significativas de linguagem para o desenvolvimento da competência discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 6, n. 3, p. 375–387, set./dez. 2006
- BAZERMAN, CHARLES. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- CULIOLI, ANTOINE. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*, t.1, Paris: Ophrys, 1990.
- DELEUZE, GILLES. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DERRIDA JACQUES. *O monolinguismo do outro – Ou a prótese da origem*. Campo das Letras, Porto, 2001.
- LOTMAN, JURI. *La Semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.
- \_\_\_\_\_. On the semiosphere. *Sign Systems Studies*. 33.1, 2005.
- MARCUSCHI, LUIZ ANTÔNIO. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTINS, M. SÍLVIA CINTRA. A adoção do método inverso na compreensão da linguagem escrita. *CD-ROM da 27ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu, 2004. Versão on–line disponível no site [www.anped.org.br/27ra.htm](http://www.anped.org.br/27ra.htm). GT 10 – Alfabetização, leitura e escrita.
- \_\_\_\_\_. Ethos, gêneros e questões identitárias. *Revista Delta*. São Paulo: EDUC, volume 23, 1, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Oralidade, escrita e papéis sociais na infância*. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. The continuum illiterate–literate and the contrast between different ethnicities. In: BAZERMAN&KRUT (Org.) *Traditions of Writing Research*. New York: Routledge, 2009.
- \_\_\_\_\_. Letramento, etnicidade e diálogo intercultural. *Revista Delta*. São Paulo: EDUC, 2011.
- OTTONI, PAULO (Org.). *Tradução: a prática da diferença*. Campinas–SP, Editora da Unicamp – FAPESP, 1998.

ROJO, ROXANE; SCHNEUWLY, BERNARD. As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. *Linguagem em (Dis)curso* – Tubarão, v. 6, n. 3, p. 463–493, set./dez, 2006.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *Obras escogidas*, t.I. Madri: Visor e MEC, 1991.

## **Anexo**

### **Piscina**

**Fernando Sabino**

Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, na Zona Sul do Rio de Janeiro, cercada de jardins e tendo ao lado uma bela piscina. Pena que a favela, com seus barracos grotescos se estendendo pela encosta do morro, compromettesse tanto a paisagem. Diariamente desfilavam diante do portão aquelas mulheres silenciosas e magras, lata d'água na cabeça. De vez em quando surgia sobre a grade a carinha de uma criança, olhos grandes e atentos, espiando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando. Naquela manhã de sábado, ele tomava seu gim-tônica no terraço, e a mulher um banho de sol, estirada de maiô à beira da piscina, quando perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto. Era um ser encardido, cujos trapos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava uma lata na mão, e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante as duas mulheres se olharam, separadas pela piscina. De súbito pareceu à dona de casa que a estranha criatura se esgueirava, portão adentro, sem tirar dela os olhos. Ergueu-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente: já atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia água com a lata. Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça – e em pouco sumia-se pelo portão. Lá no terraço o marido, fascinado, assistiu a toda a cena. Não durou mais de um ou dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e de paz que antecedem um combate. Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa.